

SOMBRÁFRICA: FRAGMENTOS DA IMENSIDÃO

por amilton de azevedo¹

*“Um continente mãe / Todo um atlântico assistia /
Impiedosa travessia / Um oceano inteiro de agonia /
Tantos passos me precedem / Quem fez desse o meu
lugar / Pois já estive aqui antes / Deixa eu me reencontrar”
([PERPÉTUO](#), Black Pantera)*

Nas paredes tombadas da Igreja de São Benedito, padroeiro dos negros, África e América do Sul se projetam unidas em vermelho, preto e verde, cores Pan-Africanas. Da Pangeia sucede-se a separação dos continentes e então um salto temporal enquanto o oceano Atlântico é feito Calunga Grande na travessia dos navios negreiros. *SomBRáfrica*, da Cia. Quase Cinema, desenha-estampa na arquitetura a imensidão da negrura por meio de um artesanal teatro de sombras, onde o público pode observar o elenco manusear as tecnologias que dão a ver essas dimensões simultâneas: entre plateia e fachada, a presença dos artistas que dançam luz e sombra; no que se projeta, fantasmagoria e multidão. Durante a apresentação neste 38º FESTIVALE, por dois ou três momentos a beleza das imagens foi entrecortada por um (indesviavelmente) violento *giroflex* de viaturas passando na rua.

SomBRáfrica faz de sua substância poética o (in)tangível da história, lidando com composições (i)materiais entre corpo, silhueta, canção, representação. Um tubarão nada enquanto uma mulher dança. Na sinopse presente na programação do FESTIVALE, a Quase Cinema aponta para a inspiração no poema *Navio Negroiro*,

¹ *amilton de azevedo* é pesquisador e crítico das artes vivas. Doutorando em artes cênicas na ECA/USP; mestre em artes da cena, especialista em direção teatral e bacharel em teatro pelo Célia Helena, onde lecionou entre 2016 e 2019. Idealizador, editor e crítico na plataforma *ruína acesa* (<https://ruinaacesa.com.br>), integrante do projeto *arquipélago*. Colabora com diversos festivais regionais, nacionais e internacionais, ministra oficinas de formação em crítica e escreveu para a *Folha de S. Paulo*. Membro da seção brasileira da IATC/AICT (Associação Internacional de Críticos de Teatro), em 2024 foi convidado para cobrir o Festival *TransAmériques* (Montreal/Canadá).

de Castro Alves. A postura do abolicionista diante dos horrores da escravização é de um clamor piedoso por liberdade. *SomBRáfrica* persiste na lembrança do terror, inclusive dando a ver que não se trata de um evento que pertence ao passado, ao mesmo tempo em que não insiste em cenas de sujeição.

O que se parece desejar é um resgate que celebra o que resistiu à violência histórica e o que resiste à (e o que existe diante da) violência estrutural: quando o navio negreiro se vê em composição com imagens múltiplas, é possível pensar em o que mais habitava aqueles brutais porões para além das vidas reduzidas à mercadoria. Sabedorias, tecnologias, ancestralidade: a dispersão forçada de povos africanos para o nosso lado do Atlântico é fundante da *nação* brasileira – e basilar para a modernidade – tanto no aspecto econômico quanto cultural, nos piores e melhores sentidos possíveis.

Como canta o Black Pantera em [PERPÉTUO](#), “o que seria do mundo sem a cultura preta?”. A pergunta ecoa na constituição desta *América Ladina*, nos termos de Lélia Gonzalez, proposta na jornada através dos tempos de *SomBRáfrica*. Aliás, o *pretuguês* identificado pela intelectual também está na encenação da Quase Cinema: em uma das canções, palavras da família linguística banto integradas ao vocabulário brasileiro se sucedem; dengo, cafuné, muvuca, caçula, senzala, quilombo...

A trilha de Mano Bap sampleia uma série de canções reconhecíveis da cultura popular afro-brasileira, como um ponto de Obaluaê ou *Cangoma me chamou*, associada ao jongo e gravada por [Clementina de Jesus](#). Em cena, Silvia Godoy dança para orixás, joga capoeira, samba; ao lado de Ronaldo José, com quem divide a direção e a dramaturgia da obra, fazem um pequeno *baile black*. De certo modo, *SomBRáfrica* é uma empreitada do tamanho das sombras que projeta na fachada: a escolha por organizar-se em fragmentos (de imagem, de história) é acertada pelo tanto que se pretende dar a ver. Centrada especialmente em sua visualidade, a presença das palavras é reduzida; boa parte de sua dramaturgia está mesmo nas músicas – não apenas em suas letras, mas também.

Como outra música canta, “*atravessei o mar, atravessei (...) aqui cheguei e sigo a atravessar*”: passado, presente e o futuro do povo negro no Brasil são categorias praticamente inseparáveis, e ainda que a obra trace uma certa trajetória linear em sua

narrativa, os tempos não deixam de coincidir – literalmente, aliás, na sobreposição de elementos e corpos nas composições imagéticas. Cenas de violência, de alegria, de beleza, de força, de dor; guerra e festa, festa e guerra. Imagens efêmeras lançadas em paredes tombadas: *SomBRáfrica* parece buscar inscrever no tanto que persiste da colonialidade todas as cores da sombra.